

**O fundamento da Igreja é a fé, e Deus é amor. Precisamos, por isso, de afastar as cinzas que encobrem as brasas da Igreja, de as soprar, a fim de revigorarmos a sua chama. Somos os sopradores das brasas da Igreja, que as fazem arder de novo.**



## Igreja e evangelização: provocações da pandemia

parte 1 – o fim do mundo?

# Nem invisível, nem silencioso: o vírus entre nós

Como tudo que nos acontece, a nós humanos, a Covid-19 levanta questões que solicitam o recurso a mais de uma perspectiva de análise, seja devido à sua complexidade, seja devido à relevância, e mesmo à urgência da sua abordagem. Há problemas que solicitam um entendimento a curto prazo, e há questões que requerem um esforço paciente e longo de compreensão.

Um olhar à nossa volta, na proximidade mais imediata, já é revelador. A alteração brusca da sociabilidade, pode ser vista nas ruas: as cidades estão mais vazias de pessoas e de carros, um silêncio inusitado cai sobre os espaços, habitualmente barulhentos, e nunca tantas pessoas se mantiveram, por tanto tempo, em suas casas. Visitamo-nos menos uns aos outros, os contactos intrafamiliares reduziram-se, e a recomendação da necessária reclusão ampliou a solidão de grupos, como a dos idosos, tradicionalmente mais alijados de um contato social continuado.

A esses dados mais imediatos, outros se somam. A convivência forçada nos espaços domésticos, somada à suspensão da atividade laboral, tem levado, seja à multiplicação dos conflitos familiares, como se pode verificar no aumento da violência contra mulheres e idosos, seja ao incremento das dificuldades de ordem psíquica, como a já observada tendência de

crescimento nos indicadores de ansiedade, depressão e outras patologias de ordem psíquica.

Esse novo quotidiano, transparente, mesmo, para o olhar menos atento, tem como pano de fundo uma crise económica de grande alcance. Fenómenos como o desemprego, que já era significativo antes da pandemia, cresceram e, ao lado da corrosão da atividade económica, motivada pelas medidas, necessárias, de natureza sanitária, criaram um cenário cuja abordagem exige recursos e medidas que excedem, em muito, as estratégias de que dispomos. A crise não, apenas, tem efeitos imediatos, como aponta para a persistência dos problemas, num arco de tempo maior. E aqui a relação tensa com a ação do vírus impõe-se: há problemas imediatos a serem resolvidos, e sabemos com que grau de complexidade, e há muita incerteza acerca das futuras consequências de longo alcance.

Mas se estas questões alcançam a sociedade como um todo, não a alcançam, considerada a sua composição, da mesma forma, nem com a mesma intensidade. A desigualdade social, historicamente endémica entre nós, evidencia a crueldade e a desumanidade dos seus efeitos. Como sabemos, o isolamento social, a necessidade de permanecer mais tempo em casa, traz à tona o grave problema da habitação no Brasil, descurado por

quaisquer políticas de alcance efetivo. Habitações precárias, destituídas de condições sanitárias adequadas, vêm somar-se, aos problemas decorrentes da pandemia.

Não são menores as consequências da desigualdade, no campo da educação. Se já tínhamos problemas com o sistema público de educação, eles agravaram-se no atual cenário. A passagem inevitável para a modalidade virtual ou *on line*, depende da existência, em casa, de condições de acesso ao ensino à distância. Não existindo tais condições, ou estando disponíveis, apenas, num patamar muito precário, avolumam-se os indicadores da desigualdade. Não é preciso insistir que o vigor de um sistema público de educação, sobretudo em sociedades cada vez mais dependentes do conhecimento, é uma condição insubstituível de cidadania.

Tudo isto nos traz à memória, o que é próprio dos fenômenos humanos, que acontecimentos como a presente pandemia, têm a sua realidade própria, dolorosa, desigualmente dolorosa, mas funcionam, também, como oportunidade de leitura dos tempos e das sociedades em que vivemos. Deste nosso esforço de compreensão, brotam as mais diversas lições, mas, se dependem da nossa atenção, dependem, igualmente, ou talvez ainda mais, da atuação das forças comprometidas com as mudanças que se tornam necessárias. Neste momento, trata-se, não apenas, de manter o compromisso do combate ao vírus, pondo a ênfase nas pesquisas relacio-

nadas com vacinas e medicamentos, mas também, de chamar a atenção para uma lista de debates, cuja procedência foi enfatizada pela Covid-19, e que deve, esperamos nós, estar presente na agenda política nacional.

Se são essas as questões que surgem em primeiro plano e, como se pode perceber, com implicações mais dolorosas, há, também, questões de mais longo alcance que nos são propostas. Expressões como “novo normal” ou “fim de um mundo”, assinalam a possibilidade de estarmos perante uma crise mais ampla, de alcance, quem sabe, civilizacional. Precisaremos, ainda, de mais tempo para nos certificarmos se, de facto, para além da grandiloquência das expressões, algo está a ser gizado. Mesmo porque, aqui e ali, onde as restrições vão abrandando, o que se observa é um retorno aos antigos hábitos, como se a crise fosse, exclusivamente, um intervalo a esquecer, e desse lugar, enfim, a uma convalescença.

Mas há problemas que se nos colocam. E são vários. De início, a percepção de que as pandemias exigem um sistema de saúde, de natureza pública, capaz de se haver com patologias de largo alcance. Uma maior alocação de recursos, uma melhor distribuição geográfica de instituições hospitalares, a solução de questões sanitárias primárias, tudo isso deve ser objeto de estudos e estratégias de implantação, a curto e médio prazo. Devem entrar, de forma mais contundente, na lista pública de discussões, as medidas relativas a políticas ambientais

capazes, no seu âmbito, de reverter a irresponsabilidade em relação ao meio ambiente, que tem caracterizado, nestes últimos anos, a atuação do governo brasileiro.

Uma questão mais inquietante, seja devido às consequências a que está associada, seja devido ao seu ineditismo, diz respeito à relação entre a desejável autonomia da pesquisa científica, e as normas éticas capazes de impedir desenvolvimentos danosos de longo alcance. À medida que aumenta o nosso domínio da natureza, em que cresce o repertório tecnológico, inclusive no que se refere ao domínio da biotecnologia, torna-se mais evidente a nossa indigência, no que diz respeito a essa temática.

Uma lição a ser retirada desta longa pandemia, é a percepção de que, além de danosa, é ilusória a sensação de onnipotência e autossuficiência que caracteriza a modernidade. A devastação humana a que estamos a assistir, indiferente à localização geográfica, indica, de forma tão trágica quanto patética, a presença de uma natureza que está longe de subordinar-se à precipitação do desejo humano. A natureza parece estar a exigir de nós maior humildade, na busca do conhecimento, e muito maior comedimento no que concerne às nossas ações e ambições, até aqui, frequentemente, contaminadas pela ganância. O desespero destes tempos, compatível, é claro, com a gravidade da situação, é, também, um sinal de quão despreparados estávamos, e estamos, diante da quebra da mencionada ilusão.

Talvez, caminhando na direção de uma dimensão mais abstrata, e, por isso mesmo, mais real, seja esta a hora de percebermos esse curioso paradoxo entre a expectativa de um desenvolvimento material infinito, agora desmentida, e a absoluta escassez de recursos simbólicos para conviver, seja ao nível pessoal, seja ao nível mais social, com os limites dentro dos quais transcorre a aventura humana. O que aprendemos com esta pandemia, e essa discussão já começa a disseminar-se, é que somos uma civilização que tem mais medo de morrer do que, propriamente, vontade de viver. Na ausência de ideais e valores de mais longo alcance, marcados pela solidariedade entre nós e em relação à casa que habitamos, só restaria, mesmo, uma frenética busca de proteção.

Mas se a hora é grave, e é, não nos esqueçamos do que a literatura nos ensina, que não devemos viver oscilando entre o medo e o ódio, e, mais, que “onde mora o perigo, mora, também, a salvação”.

RICARDO FENATI. Mestre em Filosofia pela UFMG. Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Coordenador da área de Filosofia do Centro Loyola de Espiritualidade Fé e Cultura

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR. Doutor em Teologia - Westfälische Wilhelms Universität Münster e possui pós-doutorado em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

ÁLVARO MENDONÇA PIMENTEL. Doutor em Filosofia pela UFMG e professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE

# O testemunho do Papa Francisco

Com os seus gestos, palavras e ações, o papa Francisco destaca-se como um dos atores que mais impacto teve no mundo, no decorrer da pandemia, além de se revelar como porta-voz da compaixão, da esperança e da solidariedade, de uma Igreja servidora da humanidade, em tempos de crise, incertezas, sofrimento e morte. Circunscritas, de início, ao período em que a Covid-19 mais afetou a Europa, as suas iniciativas permaneceram cheias de significado, como um apelo a tornar este tempo uma ocasião favorável a uma verdadeira conversão, e uma oportunidade real para uma humanidade e um mundo novos.

## Um gesto

Sem sombra de dúvida, o gesto do papa Francisco que mais impacto produziu no auge da pandemia na Itália, foi o do dia 27 de março de 2020. Sozinho, diante da Praça de São Pedro vazia, numa tarde chuvosa e fria, diante do crucifixo da Igreja de São Marcelo, considerado milagroso por ter sido levado em procissão, em Roma, na peste de 1522, e do ícone da Virgem Maria, *Salus Populi Romani*, o papa fez uma celebração, na qual proferiu uma homilia, seguida da adoração do Santíssimo e da bênção *urbi et orbi*.

O primeiro elemento que nos chama a atenção, neste gesto, é o próprio cenário em que se deu: a praça. Em geral, ela é um lugar de encontros, intercâmbios e aglomerações, muitos dos quais resumem boa parte da vida social, política, cultural e religiosa de uma

comunidade e de um povo. Em particular, no caso da Igreja, a Praça de São Pedro é o símbolo da sua catolicidade. Dela, o bispo de Roma abençoa a cidade (*urbi*) e o conjunto das igrejas espalhadas pelo mundo (*orbi*). A praça vazia recorda um dos efeitos mais drásticos da pandemia: o distanciamento social, que reduziu os contactos nos locais de trabalho e a circulação das pessoas, obrigando-as ao isolamento, dando um novo lugar e sentido à vida nas casas. O mesmo se deu em relação aos templos, que ficaram vazios, levando os fiéis e as lideranças eclesiais a redescobrirem o significado da Igreja doméstica.

Na praça vazia, em que o silêncio era interrompido, apenas, pelo som dos sinos e das sirenes, uma chuva fina caía, incessantemente. Caminhando sozinho e meio curvado, enquanto sobe com certa dificuldade os degraus do adro, Francisco torna-se o porta-voz dos sofrimentos, angústias e incertezas que a pandemia provocou na humanidade inteira. A sua figura, naquela tarde chuvosa e sombria, é, também, a do pastor de uma Igreja que, como ele, acredita que o Crucificado carrega as dores do mundo, dando, aos que nele creem, força e esperança para atravessarem a tormenta que afeta todo o planeta.

A praça, o vazio e o silêncio, a chuva e o frio, o crucifixo e o ícone, que compõem o cenário no qual o pontífice reza pelo fim da pandemia, articulam-se com o que aí é enunciado: a proclamação do Evangelho de Marcos (4, 35-41), a homilia do papa, a sua oração diante do ícone e do crucifixo, a

exposição e adoração do Santíssimo, as invocações e a bênção *urbi et orbi*. Os elementos que compõem o gesto daquela tarde, apesar de enraizados no imaginário católico, trazem em si algo que é comum à humanidade inteira. De facto, o vazio e o silêncio, a chuva e o frio daquela tarde, naquela praça, evocam o mundo em tempos de Covid-19; o crucifixo recorda os sofrimentos das vítimas e os efeitos da pandemia, sobretudo, na vida dos mais vulneráveis; o ícone é o símbolo dos que esperam contra toda a esperança, e de forma ativa e criativa, através do serviço e da solidariedade.

### Palavras

Além deste gesto icônico, que indica qual deve ser a atitude da Igreja em tempos de pandemia, o papa Francisco, ainda na homilia daquela tarde de 27 de março, mas, igualmente, noutras ocasiões, propôs algumas pistas para a interpretação deste tempo, indicando, ainda, como nele discernir os apelos de Deus para a Igreja e para a humanidade.

Nas intervenções do papa, no auge da crise da Covid-19 na Europa e, mais recentemente, na encíclica *Fratelli tutti* (FT), é digna de nota a palavra que ele escolheu para interpretar este tempo pandémico. Em geral, os chefes de Estado privilegiam a semântica bélica, quando falam da pandemia, recorrendo a termos como “guerra” ou “luta” contra um “inimigo invisível” a ser “combatido”, “vencido”, “eliminado”. Neste tipo de leitura, a humanidade surge como vítima que deve reagir a um ataque. Na homilia de 27/03/2020, feita à luz de Mc 4,35-41, citada na FT, 32, Francisco recorre à palavra “tempestade” ou “tormenta”,

para se compreender a situação provocada pelo novo coronavírus. Segundo ele, “densas nuvens cobriram as nossas praças, ruas e cidades”, tomando conta das nossas “vidas, e enchendo tudo de um silêncio ensurdecedor e de um vazio desolador que paralisa tudo”. Estamos “assustados e perdidos”. Como os “discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tormenta inesperada e furiosa”, que nos fez, porém, cair na conta de que “estamos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados”, embora, ao mesmo tempo, se deva afirmar que todos somos “importantes e necessários”, “chamados a remar juntos” (Francisco, 2020a). A escolha da simbologia da tempestade e do barco, no qual se encontra toda a humanidade, é sagaz, pois, por um lado, recolhe bem o sentido primeiro do termo pandemia: *pan* (todos) + *demos* (povo), e por outro, mais do que tornar a humanidade apenas vítima, revela-lhe a sua extrema vulnerabilidade.

A pandemia é, ainda, um lugar de desmascaramento das “falsas e supérfluas seguranças” que definem agendas, “projetos, rotinas e prioridades”. Ela mostra, também, como tinha ficado “adormecido e abandonado o que alimenta, sustenta e dá força” à existência pessoal e comunitária. Através dela, são desveladas as tentativas de esconder e “esquecer o que nutriu a alma” dos povos, e os intentos de a anestesiar com “aparentes rotinas salvadoras”, que, porém, são incapazes de apelar às raízes e evocar a memória que nos capacita para enfrentar a adversidade. Com ela caiu a maquiagem que disfarçava os estereótipos de um ego pretensioso, e ficou evidente a “bendita” pertença comum que a todos

torna irmãos e irmãs.

Embora a humanidade tenha avançado em muitos aspetos, sentindo-se “forte e capaz de tudo”, a cobiça levou-a a ser absorvida pelo material e transtornada pela pressa, não despertando diante das “guerras e injustiças”, e tornando-se surda “ao grito dos pobres” e do “planeta gravemente enfermo” (Francisco, 2020a).

A provação vivida pela humanidade na pandemia é vista, ainda, como “um momento de eleição”. Mais do que para o juízo divino, diz o papa na sua homilia de 27/03/2020, trata-se de um momento para o nosso juízo, ou seja, “para elegermos entre o que conta, verdadeiramente, e o que passa, para separarmos o que é necessário do que não é”. Essa eleição é, na verdade, uma oportunidade de conversão, e leva o ser humano a “restabelecer o rumo da vida” para Deus e para o próximo. É interessante observar que, logo após esta afirmação, o pontífice recorda os “companheiros de viagem exemplares” que, “diante do medo”, deram a própria vida. Ele vê neles/as a força “operante do Espírito, derramada e plasmada em valentes e generosas entregas”. O mesmo Espírito, diz ele, “resgata, valoriza e mostra como as nossas vidas estão tecidas e sustentadas por pessoas comuns”, que não estão nos grandes meios de comunicação ou nas “passarelas” de sucesso, mas que, hoje, “estão a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história”. Este grupo “anónimo”, formado por pessoas que atuam no mundo da saúde, do comércio, dos transportes, das forças de segurança, além dos voluntários/as, religiosos/as, padres, professores/as, pais, mães e avós, e tantos outros, compreendeu que

“ninguém se salva sozinho”, e por isso busca, de múltiplas formas, “infundir esperança” e semear “corresponsabilidade” (Francisco, 2020a).

Ao lembrar que a vida é tecida e sustentada por pessoas comuns, que escrevem as páginas decisivas da história presente, Francisco articula, numa visão sistémica, a sua reflexão sobre a pandemia, com o que escreveu na *Laudato si'* (LS) sobre o cuidado da casa comum. Na verdade, a saúde do ser humano é indissociável da saúde do meio ambiente. A pandemia recorda que o futuro já chegou, e que a LS é o mapa para o presente. O ser humano e o mundo têm o mesmo destino. Tudo está interligado, tudo é interdependente. O antropocentrismo, que determinou a história moderna da humanidade, deve ser corrigido. Na FT o papa é, ainda, mais incisivo. Ele recorda que, apesar de estarmos “superligados”, deixamo-nos levar pela fragmentação que dificulta soluções que a todos impliquem (FT, 7). Por momentos, tivemos a “consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos” (FT, 32). O duro golpe da pandemia, continua o papa, “obrigou-nos, à força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que, apenas, no benefício de alguns”. Além do mais, a “tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou em nós, fazem ressoar o apelo a refletirmos sobre os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência” (FT, 33).

Como nos profetas bíblicos, as palavras de Francisco, além de nos oferecerem uma leitura lúcida da pandemia,

apelando à conversão, são, também, palavras de consolação e esperança. Eis o que nos diz na mensagem *urbi et orbi* da Páscoa de 2020: “há outro contágio, que se transmite de coração a coração”, porque todos esperam esta Boa Notícia. “É o contágio da esperança”. A Páscoa não se apresenta como uma fórmula mágica para a dor do mundo, que passa por cima do sofrimento e da morte. Ela abre um “caminho no abismo, transformando o mal em bem, sinal distintivo do amor de Deus”. O Ressuscitado é o Crucificado, e traz no “seu corpo glorioso as chagas indeléveis, feridas que se convertem em luz de esperança”. É a Ele que dirigimos o nosso olhar, “para que cure as feridas da humanidade desolada”. O papa recorda, então, todos os que foram afetados pelo contágio: os doentes, os que morreram, as famílias que choram os seus mortos e que, em alguns casos, “nem puderam dar-lhes o último adeus”. Afirma que a Covid-19 está não só a privar-nos dos afetos, como também da possibilidade de recorrer ao consolo dos sacramentos. O papa anima, ainda, os responsáveis políticos, face às incertezas do futuro, pedindo-lhes que trabalhem “ativamente em favor do bem comum dos cidadãos”. Recorda que este não é tempo para indiferenças, “porque todo o mundo está a sofrer e deve, pois, permanecer unido”. Lança um olhar particular para os mais pobres e vulneráveis, e lembra que não é tempo de nos encerrarmos em nós mesmos. Muito menos se deve continuar a fabricar armas e a alimentar guerras (*Francisco, 2020b*).

### Ações

Os gestos e palavras do papa Francis-

co, durante a pandemia, visam uma forma de atuar que se desdobra em diversas iniciativas. Uma delas, nem sempre tida como tal, surge muito presente na cerimónia do dia 27 de março de 2020: a oração. Ela teve início com uma prece a Deus, “omnipotente e misericordioso”, pedindo-lhe que olhasse para a “dolorosa condição” da humanidade, confortando os/as seus filhos/as, e abrindo os seus corações à esperança e à experiência da sua presença de Pai. Numa das invocações da homilia, inspirada pelo versículo “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?” (Mc 4, 40), o papa faz-se porta-voz dos que se encontram dentro do barco no meio da tempestade. Reconhece o amor de Deus pelo mundo, os avanços da humanidade, mas, também, os seus tropeções, a sua surdez perante os apelos divinos, as dores da guerra, das injustiças e do planeta enfermo. Pede a Deus salvação, e faz-se ouvinte do chamamento divino à fé, uma fé que é um voltar-se para Deus e nele confiar, discernindo, no meio da crise, uma escolha entre o que conta e o que não conta.

Além de palavras, a oração daquela tarde, também foi feita de silêncios: breves, diante do ícone da Virgem e do crucifixo, e um mais longo silêncio, diante do Santíssimo exposto. Os dois primeiros momentos foram acompanhados pelo canto de antífonas, e o terceiro, após um canto e um silêncio, deu lugar a outras invocações: uma ladainha de adoração, confissão de fé, petições, invocação do dom do Espírito. Seguiu-se, então, um canto (*Tantum ergo sacramentum*), e a conclusão do ato com a indulgência plenária e a bênção *urbi et orbi*.

Parece contraditório identificar a ora-

ção com a ação, pois, dirigida a Deus, ela espera dele uma intervenção, que, no imaginário cristão, depende, inteiramente, dele. De facto, o silêncio e a súplica, constitutivos da maior parte das orações, conferem o protagonismo a Deus e não ao ser humano. Contudo, ainda no texto da homília da Praça de São Pedro, o papa faz uma afirmação elucidativa. “A oração e o serviço silencioso, diz ele, são as nossas armas vencedoras” (Francisco, 2020a). Não só porque, na oração cristã, acontece um diálogo de liberdades, que apela a uma fé que opera pela caridade, mas também porque, ao voltar-se para Deus, o fiel encontra nele o modelo para um agir que é serviço. Como Deus é misericórdia e compaixão, também ele deve ser movido por elas, encarnando-as no mundo e tornando-se, através da sua atuação, expressão da ação salvífica divina no mundo.

Na carta de 12 de abril aos movimentos populares, o papa aprofunda o lugar da solidariedade e das muitas formas de ação, não só dos cristãos, a serem desenvolvidas durante e depois da pandemia. Recordando a metáfora bélica, afirma que os movimentos populares são um “verdadeiro exército invisível que luta nas mais perigosas trincheiras”, tendo como principais “armas” a “solidariedade, a esperança e o sentido de comunidade”. Tais movimentos são também “verdadeiros poetas sociais”, pois, a partir das periferias, criam “soluções dignas para os problemas mais urgentes dos excluídos”. Mesmo sendo pouco reconhecidos, tidos como invisíveis ou suspeitos pelo sistema, eles trabalham em prole das suas “famílias, dos seus bairros, pelo bem comum”. O papa valoriza, nesses movimentos, as mulheres, os

camponeses e os agricultores familiares. Segundo ele, o modelo tecnocrático não oferece soluções neste tempo de pandemia. São as “pessoas, as comunidades e os povos que devem estar no centro, para curar, cuidar, compartilhar”. Dentre os grupos mais ativos, valoriza os do trabalho informal, convidando-os para pensar o “depois”, pois eles possuem “a cultura, a metodologia, mas, principalmente, a sabedoria que se amassa com a levedura da dor do outro como própria”. Eles podem ajudar a pensar um “projeto de desenvolvimento integral, centrado no protagonismo dos Povos em toda a sua diversidade, e o acesso universal aos três T’s, por eles defendidos: “terra, teto e trabalho”. O papa deseja que a pandemia possa sacudir as “consciências adormecidas”, e suscitar “uma conversão humanista e ecológica que termine com a idolatria do dinheiro, e ponha a dignidade e a vida no centro das atenções”, regenerando, assim, a civilização (Francisco, 2020c).

Noutros textos da mesma época, o papa Francisco recolhe os ensinamentos do agir durante a pandemia e seus desdobramentos. Ao evocar as mulheres que vão ao sepulcro unguir o corpo de Jesus, vê nelas a “capacidade de colocar-se em movimento, e de não se deixar paralisar pelo que está a acontecer”. Na ação dos que cuidaram dos doentes e asseguraram os serviços essenciais durante a pandemia, ele vê, também, a “unção” que “cura, acalma e dá alma à situação”. As nossas “unções e entregas”, diz ele, “não são nem serão em vão”. O padecer com os que padecem neste tempo, torna possível a escuta da novidade da ressurreição. O Espírito, que age em nós e no mundo, “abre horizontes, desperta a criatividade-

de” e move à fraternidade e ao estar presente à dor do outro. Por isso, este tempo é de discernimento. É um tempo favorável, propício a “uma nova imaginação do possível”, mostrando que é “preciso unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”. Só se vence a emergência da Covid-19, com os “anticorpos da justiça, da caridade e da solidariedade” (Francisco, 2020d)

Na homilia do domingo da misericórdia (19/04/2020), o papa recorda que outro valor que se aprende com a pandemia, é a consciência de “que todos somos frágeis, iguais e valiosos”. Por isso, é “tempo de eliminar as desigualdades, de reparar a injustiça que contamina, já na raiz, a saúde de toda a humanidade”. A prova pela qual passa a humanidade, é uma oportunidade “para preparar o amanhã para todos, sem descartar ninguém” (Francisco, 2020e). Na catequese do dia 22 de abril, por ocasião do quinquagésimo Dia da Terra, volta a insistir que a pandemia nos ensina que “somente juntos e encarregando-nos dos mais frágeis podemos vencer os desafios globais”. Dentre esses desafios, encontra-se o do cuidado do meio ambiente que nos sustenta. “Falhámos, na custódia da terra, nossa casa-jardim, e na custódia dos nossos irmãos”, diz o papa. Por isso, é preciso “retomar uma relação harmoniosa com a terra e com o resto da humanidade”. A harmonia é obra do Espírito. Para redescobri-la, é necessário um novo modo de olhar a nossa casa comum. O que será possível se despertamos “o sentido estético e contemplativo que Deus colocou em nós”. Os povos originários e a sua sabedoria do bem viver podem transmitir-nos essa sagesa. Todos somos

chamados a uma “conversão ecológica, que se expressa em ações concretas”, dentre as quais as que estão previstas para os encontros da COP15, sobre a biodiversidade, em Kunming (China), e da COP26, sobre a mudança climática, em Glasgow (Reino Unido). A nível nacional e local é, também, necessário propor um movimento social “a partir de baixo”, que traduza em ações concretas, uma nova visão (Francisco, 2020f).

Na sua encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, o papa Francisco retoma e aprofunda muitas das ações já entrevistas nas suas intervenções, durante o tempo da pandemia. À forma de atuar do indivíduo pensado como “mónada” (FT, 11), tão própria da modernidade ocidental, contrapõe a do sujeito visto nas suas distintas relações: com o mundo, com os demais, formando um “nós”, com Deus. Corrige, também, a primazia dada à liberdade e à igualdade a partir da Revolução Francesa, convidando a humanidade a redescobrir a fraternidade, vista como dom e tarefa, que nos coloca a todos/as no mesmo barco. Só se atravesse o mar revolto da crise atual se se incluírem todos/as.

**“Vai e faz tu também o mesmo”** (Lc 10, 37)

O texto que fundamenta e inspira a reflexão do papa Francisco na *FT*, é o da parábola do bom samaritano (Lc 10, 29-37). Ao concluí-la, e depois de ouvir a resposta do levita, sobre quem foi o próximo daquele homem que caíra nas mãos dos bandidos, Jesus diz-lhe: “vai e faz tu, também, o mesmo”. Esta resposta de Jesus serve, também, de provocação face aos ges-

tos, palavras e ações propostos pelo papa, neste tempo de pandemia. Eles podem e devem inspirar os discípulos e discípulas de Jesus, mas, também, todos os homens e mulheres de boa vontade a “uma nova imaginação do possível”. Mais do que nunca, é hora de agir. Para isso, os gestos, palavras e ações do papa Francisco devem provocar os/as que deles se aproximam, suscitando neles/as gestos, palavras e ações similares. Como Moisés, outrora, diante do dom do Espírito, há que desejar, também: “que todo o povo do Senhor seja profeta, e que o Senhor ponha nele o seu Espírito” (Nm 11, 29).

### Notas

1. “Um plano para ressuscitar”, publicado originalmente em *Vida Nueva*, no dia 17/04/2020;
2. “O egoísmo: um vírus ainda pior”, da Homília do 2º Domingo da páscoa (19/04/2020);
3. “Superar os desafios globais”, da Catequese durante a Audiência Geral no 50º dia da terra (dia 22/04/2020).

### Referências

PAPA FRANCISCO. *¿Por qué tenéis miedo?* Mensaje *Urbi et orbi* durante el Momento extraordinario de oración en tiempos de epidemia, 27 de marzo de 2020. Em PAPA FRANCISCO. *La vida*

después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto a).

\_\_\_\_\_. *Como una nueva llama*. Mensaje *Urbi et orbi* – Pascua 2020, 12 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. *La vida después de la pandemia*. Roma: Vaticana, 2020 (Texto b).

\_\_\_\_\_. *A un ejército invisible*. Carta a los Movimientos Populares, 12 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. *La vida después de la pandemia*. Roma: Vaticana, 2020 (Texto c).

\_\_\_\_\_. *Un plan para resucitar*. Texto originariamente publicado en «*Vida Nueva*», 17 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. *La vida después de la pandemia*. Roma: Vaticana, 2020 (Texto d).

\_\_\_\_\_. *El egoísmo: un virus todavía peor*. Extrato de la Homília, II Domingo de Pascua (o de *la Divina misericordia*), 19 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. *La vida después de la pandemia*. Roma: Vaticana, 2020 (Texto e).

\_\_\_\_\_. *Superar los desafíos globales*. Catequesis durante la Audiencia general en el 50º Día de la Tierra, 22 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. *La vida después de la pandemia*. Roma: Vaticana, 2020 (Texto f).

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

D. JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA. Poeta, teólogo português, professor universitário, arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana

MARIA CLARA BINGEMER. Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana e professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio

GERALDO DE MORI. Professor de teologia sistemática no Departamento de Teologia da FAJE. Possui pós-doutorado no Institut Catholique de Paris

*Cadernos Teologia Pública*, ano 17 – vol. 17- nº 147 – 2020, pp 6-22.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

# Ministérios?

**R**efugiar-se na história pode levar a... passar à história. Não obstante, a história é importante. Ela fornece-nos o primeiro ponto do azimute para vermos em que sentido vamos. Como não conhecemos o futuro, o segundo apoio terá de ser o presente. Relacionando os dois, facilmente descobrimos o rumo: o futuro está algures na direção ou no enfiamento entre o passado e a atualidade. A não ser que intervenhamos nesta para corrigir a rota.

Vem isto a propósito da relação Igreja/mundo. Há algumas décadas, falávamos muito em «apostolado» e «militância». Hoje, envergonhamo-nos destas palavras. E privilegiamos conceitos «piedosos», tais como ministerialidade, sacerdócio batismal, etc. Tudo justo, tudo perfeito. Mas tudo... para o interior da Igreja.

Pensemos na «velha» Ação Católica. Quando os “batalhões de Cristo Rei” passavam pelas ruas a fazer com que se “Abram alas terra em fora”, alegava-se a certeza de que “Deus nos chama, é nossa a hora”, e justificava-se: “Há caminhos não andados/Que esperam por alguém”. E os «militantes» percorriam-nos, pois o leigo cumpria-se «batalhando», fazendo apostolado na empresa e na oficina, no

campo e na universidade, na cultura e na administração. Aliás, a palavra “ação” já diz tudo. Tal como apostolado refere envio aos de fora.

Entretanto, apoderou-se de nós a timidez e... refugiámo-nos dentro dos templos. Hoje o generalato dos leigos, a «altura máxima» a que podem chegar, é exercer um ministério, mormente o extraordinário da Comunhão. Mas nisto não evoluímos: involuímos. Até porque o mundo está a descoberto: retiramo-nos dele. Se não, não consideraria como um «bem» e um direito o aborto e a eutanásia, por exemplo.

O Papa alargou às senhoras a possibilidade dos ministérios instituídos. É justíssimo. Mas começou a falar em outros voltados para fora: para a caridade, promoção da justiça e cuidado da criação; para o acompanhamento das famílias e jovens, condução da comunidade, etc. Tudo tentativas de reconduzir os fiéis leigos ao serviço do mundo. Para que não façam a figura de Pedro: “Que bom é estarmos aqui” (Mt 17, 4), neste Tabor do templo, onde só se encontram outros que pensam como nós. E quem vai dizer aos de fora que nós, os de dentro, fomos salvos?

Igreja ministerial? Certamente. Conquanto seja uma Igreja de «apostolado». De apostolado laical e não de ministerialidade clerical.

+ *Manuel Linda*

Bispo da Diocese do Porto

<https://www.diocese-porto.pt/pt/documentos/outros-documentos/mensagens/mensagens/dados/110-minist%C3%A9rios/>